

## **A coexistência cultural entre Brasil e Angola**

*“Brasil e Angola são países irmãos”*

**Alunos do 4º ano de Biotecnologia do IFPR – Camus Londrina**

A migração é um fenômeno que ocorre por diversos motivos, que muitas vezes envolvem a busca de melhores condições de vida. Migrantes cruzam nações, oceanos e continentes com a perspectiva de um futuro mais justo para si, sua família e sua nação. Diamantino Gabriel Teco Bento é um angolano que migrou para o Brasil em 2019 em busca de uma formação acadêmica que seu país de origem não conseguia oferecer, apesar de já possuir formação em sociologia.

Viver em dois países com costumes, moral e cultura diferentes é um desafio. No diálogo de Diamantino com os estudantes do 4º ano do curso de Biotecnologia, foi possível conhecer um pouco mais sobre o modo de vida na Angola, bem como suas semelhanças e diferenças com o Brasil. Seu relato de experiências mostrou o multiculturalismo existente, além da influência brasileira na Angola. Também abordou os determinismos culturais, a comida, a forma como se atribuem os sobrenomes, o racismo, coisas mutáveis nos dois países que fizeram e fazem parte da vida desse angolano.

### **Qual seu nome completo e idade?**

Eu me chamo Diamantino Gabriel Teca Bento, faço 37 anos dia 25 de novembro.

### **O que o fez você vir ao Brasil?**

Bem, vim em busca de uma formação, uma área diferente que o meu país não oferece, esse é o motivo principal que me trouxe ao Brasil.

### **Antes de vir para o Brasil, qual era sua visão sobre o país?**

A mídia passa uma imagem do Brasil com base em violência, na desigualdade social. Todo o quadro é negativo do Brasil, principalmente em alguns países africanos. *Porque a Angola tá na África, a África é o continente e a Angola faz parte desse continente africano.* A verdade é que os africanos já vêm pro Brasil há muito tempo, isso porque o Brasil foi o primeiro país que aceitou a independência da Angola. Os outros países viram o Brasil aceitá-la, e começaram a aceitar também. Na realidade quando eu cheguei aqui ao Brasil, vi uma diferença daquilo que eu vi na televisão. Na verdade, o Brasil é um país como todo e qualquer país, tem seus lados positivos e negativos. Pra mim, o importante é a pessoa saber se enquadrar diante da sociedade e aproveitar aquilo que o Brasil tem de bom. Essa é a minha visão do Brasil.

### **O que você faz atualmente no Brasil? Como é sua rotina?**

Eu, atualmente, no Brasil, estou fazendo uma formação (curso de formação superior). O que faço (também) no Brasil é conhecer locais que tenham algum significado para o povo brasileiro, entender um *bocadinho* da cultura do Brasil, tentar me enquadrar o máximo possível dentro da sociedade, que não é nada fácil, né?! São diferenças de culturas, hábitos e costumes. Mas essa é a minha rotina, tentar compreender mais o que é o Brasil.

### **Qual é essa formação que está tendo?**

Estou me formando em logística. A África, em seu todo, e quando eu estou falando da África eu estou falando dos cinquenta e quatro países africanos, em termos de logística, nós estamos muito atrasados. Bom, se o Brasil, perante a América, está 10 anos atrás, então nós estamos 30 ou 40 anos mais atrás. Porque só agora estendemos que a logística é um todo. O princípio de uma visão de logística é uma visão limitada. Só pra ter uma noção, só há 4 anos atrás que a Angola passou a ter um curso de logística.

### **Qual foi a sua principal experiência no Brasil até agora?**

Bem, quando cheguei no Brasil, vamos dizer abertamente, entender o Brasil é um pouco complicado porque há coisas que eu vejo que para a minha realidade africana não é normal, mas pro Brasil é normal. É normal porque vocês conseguem entender a diversidade, a desigualdade do gênero, por exemplo. Uma experiência (impactante) que eu tive no Brasil foi na primeira vez que eu cheguei cá, quando eu pus o pé na terra brasileira. Para os africanos, alguém com maior idade nós chamamos com respeito: “por favor, senhora” ou “mais velho”. Bom, quando eu cheguei ao aeroporto de Guarulhos, eu vi um senhor de sessenta e poucos anos a quem o jovem chamava pelo nome direto: “ô João” fiquei espantado. Um molequinho de 15 anos chamando o cara de João. Normalmente o africano faz uma certa reverência à pessoa pela idade, então isso impactou também.

### **Há algo no Brasil que faz você se lembrar de casa? O quê?**

Você não consegue falar da África sem falar do Brasil, é impossível você falar da África e não falar do Brasil. Em São Paulo eu fui a uma área em que se concentram muitos africanos, eles chamam de Brás. Então, nesta área eu vi a convivência de brasileiros e africanos, mas principalmente o Brasil, ele tem uma coisa: o conceito de família, é muito apegado à família. Para nós que vivemos fora, de África, do nosso território, sentimos essa falta, pessoalmente em finais de semana. O brasileiro é muito sociável

### **13. Você pensa em voltar pra Angola?**

Um bom filho sempre volta a casa um dia. Eu sonho porque a Angola é um país em desenvolvimento, quando falamos em Angola muitas as vezes o que nos vem na mente, é pensar em África, mas Angola é só um dos países que faz parte da África. E a Angola carece que os filhos da Angola ajudem ela a se desenvolver, porque é um país que enfrenta certos problemas como todo e qualquer país, mas que precisa também dos angolanos, que vivem pela Angola.

### **12. A desigualdade social/econômica é muito evidente em seu país assim como é no Brasil?**

É bastante. É bastante porque em Angola você encontra o mais rico e encontra-se o mais pobre também, o mais pobre possível. Muitas das vezes quando falamos de desigualdade social, em Angola é muito mais acentuada que no Brasil. Podemos dizer que aqui tem um sistema de cesta básica, em Angola isso não existe, não existe esse sistema em Angola, ou você se vira pra comer ou você morre. Lá não tem esses negócios... têm sim as organizações, as ONGs, mas as ONGs também são limitadas [...] e essa desigualdade social cria também um índice elevado de criminalidade e também um índice elevado de prostituição, e principalmente da prostituição infantil.

### **23. Você já sofreu racismo? Como você o percebe nos dois países?**

Bom o racismo na realidade eu já vivenciei na África, na África do Sul e no Brasil também vivenciei. Na África do Sul eu tinha uma namorada branca e loira. Nós dois fomos ao Centro Comercial e o atendente era negro como eu. Eu precisava trocar algum dinheiro e estava com minha namorada acompanhando. Bem, o cara olhou pra mim e disse em inglês: “Mas como um preto fica com uma branca, o que é isso?”. Eu respondi: “Mas você quer controlar meu coração e meus sentimentos? A tua vida eu respeito agora a minha vida é minha”. Ele não se conteve com a resposta, então foi atacar ela, chamando por nomes e a ofendendo. As raparigas negras que estavam lá também agiram contra ela.

Bom, mas é normal porque eu acho que o racismo não é questão de preconceito, é questão de uma pessoa que tem uma mentalidade fraca e baixa. Porque para quem vai fazer transfusão de sangue, não interessa se o sangue é de um negro ou de um branco. Então como vai ser racista? Se alguém vai fazer um transplante de coração, você não sabe quem deu o coração, se é de um negro ou de um branco. Então o conceito que deve imperar é que somos humanos.

Aqui no Brasil quando eu cheguei em São Paulo, fui à um restaurante Italiano com alguns amigos, todos negros. Quando entramos no restaurante todo mundo ficou olhando para nós, como se fosse algo estranho. Nós sentamos na mesa, consumimos e no final de tudo, como consumimos um bocadinho a mais, eles nos olhavam com desconfiança: “Ou eles vão fugir ou são bandidos”. Então o tratamento que a funcionária teve conosco foi muito diferente de como ela tratava os outros. Mas isso só mudou na hora da fatura que nós pagamos. Quando nós pagamos, o dono viu que nós consumimos e pagamos. Afinal também temos dinheiro, também somos humanos [...]

O racismo é algo que todos nós podemos ultrapassar é uma barreira que precisamos romper. O racismo não define a pessoa. Somos humanos. O que um sente o outro também sente. A experiência de racismo tanto que tive em África e como no Brasil, na realidade me ajudaram a ver a vida de uma outra forma.